

11 MAI 1989

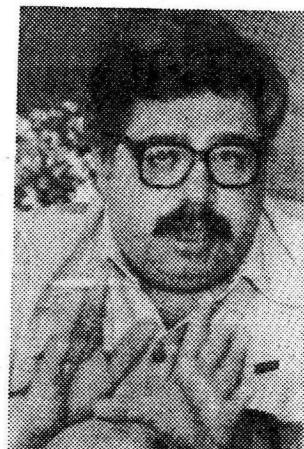
Proposta a descentralização da dívida

O ex-diretor do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, propôs ontem que a negociação da dívida externa brasileira seja feita de forma descentralizada, e não no esquema atual, seguindo uma única orientação. "A dívida brasileira não existe; isso é ficção, criação da mente humana", considerou ele, para sustentar seu ponto de vista de que há, sim, diversas dívidas, contraídas pelo Tesouro, pelas empresas estatais e pelas empresas privadas, as quais poderiam ser negociadas em separado com resultados muito mais positivos que dentro do esquema atual. Privar uma empresa como a Petrobrás de negociar sua própria dívida, segundo disse, equivale a fazê-la perder negócios.

Para Freitas, se a dívida do Tesouro tem um valor de mercado que pode chegar a 5% ou 10% do valor de face, sendo, portanto, de difícil pagamento, a dívida das estatais vale muito mais, não se justificando, assim, que ambas sejam negociadas da mesma forma, seguindo os mesmos critérios. Os comentários do ex-diretor do Banco Central foram feitos ao debater palestra do economista Fernando de Holanda Barbosa, no seminário *O Desenvolvimento Brasileiro e o Cenário Econômico Internacional*, que começou ontem e termina hoje sob patrocínio da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas e do Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos (Usis).

Moratória — Na opinião de Freitas, o Brasil não tem oferecido iniciativas, planos coerentes e inovadores na questão da dívida, limitando-se a medidas de cunho essencialmente político, como no caso da moratória do pagamento dos juros.

"Poderíamos ter passado o ano (de 1988) sem uma moratória global", afirmou ele, observando que o governo não decretou aquela medida em virtude de necessidades de caixa, mas apenas para marcar posição. A próxima administração brasileira, asseverou o ex-diretor do Banco Central, terá que ter a iniciativa de formular planos criativos, sem se perder em medidas unilaterais, que conduzem ao "vazio".



Carlos Eduardo de Freitas